

# Bem-Fe-Vi

ANO XVIII

NUM. 2



Fevereiro de 1940



# QUAL O MAIS FORTE ?



Um dia o snr. Fogo, muito implicante dirigiu-se ao rio. Dona Água estava bem quieta mas o snr. Fogo quis provocar briga.

— O fogo é mais útil que a água, muito mais! começou êle. Liquida com o frio invernal. Cozinha a comida em todo o mundo. Esquenta as fomalhas que derretem o ferro que se transforma em máquinas e caldeiras. Vês aquele trem passando sôbre tua ponte? Não fôsse eu e êle não se movia!

— Tô-Carocha! gritou d. Água. Produzes calor, é verdade. Mas, o vapor é que realmente puxa as máquinas! Sem mim, seria isso possível? E como cozinhar o alimento sem meu auxílio? Com que se lavaria a roupa? E a louça? Estou a serviço da humanidade muito antes de ti!

— Concorde, d. Água, que és de grande utilidade e que tiras a sujeira e evitas as doenças. Contribues para o crescimento das plantas. Matas a sede dos homens e animais. Todavia, sou mais forte, d. Água, pois até já tenho destruido cidades!

— Também eu, mas disso não me orgulho, pois prefiro ser pacífica embora, às vezes, precise trazer tempestades. Outras vezes faço enchentes, mas no meu natural, sou amiga dos peixes e animais marinhos, sou uma fonte de renda para o homem, um benefício às florestas e fazendas, e sirvo ainda para a navegação. Não te gabes de teu poder, snr. Fogo. Já houve ocasiões em que te conquistei.

— Mas hoje não o farás mais! replicou o Fogo. Tenciono neste momento queimar esta floresta toda. Visto não ser tempo de enchentes, não poderás arredar pé de teu leito. Terás de te contentar em apenas contemplar as labaredas sem fim. Poderás tão sómente impedir que me lance do outro lado; mas, mesmo assim

poderei passar pela ponte. Quero provar que sou mais forte.

Assim dizendo, o snr. Fogo correu à colina, aticando fogo ao capim sêco e em pouco tempo as árvores se retorciavam sob a sua fôrça destruidora. O snr. Vento veio em seu auxílio, tomando o quadro desolador. D. Água fez o que pôde; abriu os braços para receber os animais que apavorados fugiam da floresta, indo refugiar-se na margem oposta, uns nadando e outros passando pela ponte. O snr. Fogo perseguiu-os até na ponte, mas esta, aos poucos, foi derrubando nagua os pedaços em brasa, impedindo que o snr. Fogo fôsse além. E assim d. Água ganhou 1 ponto contra êle.

Quando se perdia a esperança, d. Água sentiu grossos pingos de d. Chuva. Erguendo os olhos, viu que fôrças vinham em seu socorro. Disposas vinham, parecendo uma tropa embandeirada e, ao atroar do canhão do snr. Trovão, o snr. Fogo caiu por terra.

Entretanto, como atestado da fôrça dos snrs. Vento e Fogo, lá estavam as árvores enegrecidas e já sem vida.

D. Água sabia, porém, que com o tempo novas plantas brotariam dali. Os animais voltariam atravessando a ponte consertada; os pássaros reconstruiriam seus ninhos e tudo seria novo e cheio de vida. E o melhor é que tão cedo o snr. Fogo não voltaria importuná-los.

Tudo ficou calmo e bonançoso. D. Água procurou ver a cara do snr. Fogo, mas não o encontrou.

— Bem diz o ditado: *Ri melhor quem ri por último.* Deixa-me rir agora, disse d. Água.

Mas o snr. Fogo já tinha desaparecido por completo, pois d. Chuva só o deixou quando não mais restava nada dêle.



# Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 2

Gerente responsável: —  
Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155  
Officinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10\$000  
Número avulso . 1\$000

Toda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor:  
Afonso Romano Filho

● São Paulo, Fevereiro de 1940 ●

Redatora:  
Antonieta Gonçalves Gilioli

## ADEUS FÉRIAS!

Lá vão os dois. Para onde? Ah!  
Eu sei que vocês sabem e querem dizer: *Vão indo para a escola!*

Vocês também não vão?

Alegres, carregando os livros e os lapis, bem arranjadinhos, marcham contentes.

Antes de entrarem em férias, no último dia de aulas, cantaram "Despedida colegial" que o Bem-te-vi publicou em novembro. Lá diz:

*A nossa escola regressaremos  
Quando o trabalho recommear."*

Descansaram bastante nas férias e agora voltam em busca de mais saber e encontram a professora, talvez nova para os alunos, de rosto alegre, esperando as crianças que diariamente vão passar três ou quatro horas sob seus cuidados.

Que convívio agradável êste, quando a professora e os alunos se querem mutuamente!

Eu sei que todos vocês, no primeiro dia de aulas vão com a cabecinha e o coração cheios de bons propósitos para o novo ano. Geralmente ouve-se esta conversa entre os colegas:

"Êste ano vou ser bem aplicado para passar com boa nota". "Êste ano vou ser bem obediente e andar só com os colegas de bom comportamento, para agradar papai e mamãe". "Ah! Êste ano vou estudar bastante, pois quasi fui reprovado!"

E vale a pena, é bom mesmo fazer planos, para o ano escolar. Uma coisa, porém, quero dizer-lhes: Apliquem-se bem ao estudo desde o primeiro dia de aulas, sejam bons colegas, leais e camaradas; sejam por igual modo, bons alunos, obedientes, atenciosos, solícitos em preparar as lições e verão no fim do ano como é bom entrar em férias, tendo a consciência de que fizeram o melhor possível e aproveitaram bem o tempo que nunca mais há-de voltar.

"Esforça-te, tem bom ânimo e Eu serei contigo" é a promessa de Jesus.





# Isso é que ninguém esperava!

As duas tagarelas não perdiam nada; à medida que o taxi corria, olhavam dum lado e doutro e faziam planos e mais planos. Elas e a vovó iam visitar Joana, sua tia, irmã da vovó.

O dia estava chuvoso. Quando o taxi parou diante do portão da enorme casa escondida entre os ciprestes, Virgínia disse:

— Este lugar parece assombrado, vovó.

— Ora, ora, respondeu vovó, rindo, nada disso! Quando eu era menina, brincava por aqui tudo, tôdas as vezes que vinha visitar meu tio Luiz e me divertia muito. E aposto que vocês também vão gostar tanto que nem quererão voltar.

— Não sei não. Tenho a impressão de ser assombrado. Ah! Por isso é que tia Joana mora noutra cidade.

— Não é não. Ouvi outro dia vovó contar ao papai que, há muitos anos, tia Joana brigou com o irmão e deixou a casa indo morar em Campinas. Eram só os dois. Êle, de raiva, ao fazer o testamento, legou a casa para um sanatório. Mais tarde, porém, arrependeu-se e fez novo testamento deixando a casa para ela. Mas êle morreu de repente e não há meios de se encontrar o segundo inventário.

— E como ela soube disso?

— Êle lhe escreveu contando, mas como não o encontra, ela veio aqui para tirar tudo e entregar a casa. Por isso é que vovó veio, foi para ajudá-la.

— Tomára que tia Joana fique gostando de nós, disse Virgínia.

— Ficava! Você não a conhece! E' brava que nem cobra! disse Isabel, a irmã mais velha. Você não se lembra — mas eu não posso esquecer-me duma vez em que ela nos foi visitar e se implicava com tudo o que eu dizia e fazia.

Não diga! exclamou Virgínia.

— Coitada! Assim mesmo tenho pena dela, pois vovó conta que é pobre e precisa desta casa.

Assim conversavam quando vovó, tendo acabado de dar instruções ao *chauffer* em relação às malas, reuniu-se a elas e disse:

— Vamos entrar. Vejam que alameda bonita.

Ao se aproximarem acendeu-se a luz na sala de visitas e no alpendre, enquanto uma preta, corpulenta, com seu vestido de chita, engomado, abria a porta.

— Boa tarde, *nha Chica*, disse vovó amavelmente.

— Boas tardes *siá* Rosália. Essas são as netas?

— Sim, esta é a Virgínia e esta, a Isabel. Elas eram pequeninas quando você as viu pela última vez.

— Entrem, entrem, aqui fora está um ventinho frio. *Siá* Joana precisou ir à cidade

hoje cedo e só volta amanhã, mas deixou dito que ficassem à vontade.

As crianças sentaram-se perto do fogão. Nenhuma delas tinha pressa em se encontrar com tia Joana. Sentiam bem, perto do fogo, enquanto ouviam a velha criada explicar a ausência da patroa e indicar onde seria seu quarto.

Vovó iria dormir no segundo andar e elas, no primeiro, perto da biblioteca onde, em tempos passados havia sido um asilo de crianças razão pela qual ainda ali se viam prateleiras com alguns brinquedos velhos.

As meninas gostaram do quarto.

Enquanto abriam as malas para tirar camisola, escova, etc. faziam suas observações:

— Veja, Isabel, que camas antiquadas! São do nosso tamanho certinho!

— Você até parece tonta, Virgínia. Imagine se tia Joana nos ouvisse falar que são coisas velhas! Ai de nós!

*Nha Chica* que lhes vinha trazer uma toalha, ouviu a conversa e entrando no quarto disse:

— Umh! Umh! *si-nhãzinhas*, *Siá* Joana late mais do que morde. Para provar vou

contar-lhes um segredo, disse a preta confidencialmente. A patroa tem dois braceletes de ouro para dar às meninas si se portarem bem. Hoje de manhã ela me mostrou. E com pedra de brilhante, de verdade!

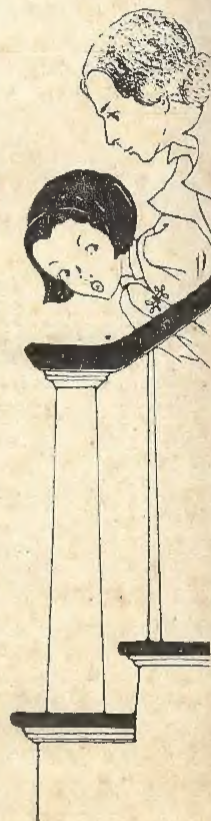
E *nha Chica*, alegre como se tísse ela quem ia receber o presente, ria satisfeita, mostrando seus dentes alvos, verdadeiras pérolas.

— E' mesmo, *nha Chica*? exclamou Virgínia — Oh! Vou ser um anjo!

— Eu também, confirmou Isabel. Sempre quis ter uma pulseira e tomára que eu ganhe!

— Pois sejam bem boazinhas e vão ver, disse a preta correndo olhar à panela no fogo.

As meninas trocaram de roupa e foram esperar o jantar, pois o cheiro agradável que vinha da cozinha ajuntava-lhes água na bôca. Depois, sentaram-se à mesa, muito







bem posta, e comeram com gosto. Já nem se lembravam de que a casa lhes parecera assombrada.

— Estou com vontade de ir para cama, disse vovó, indo para a sala de estar.

— Até eu estou cansada, disse *nha Chica*.

— Eu não tenho um pinga de sono, atalhou *Virgínia*.

— Nem eu, replicou *Isabel*.

— Quem sabe *sinhazinhas* querem ler ou ouvir rádio; ele está pertinho de sua cama e os livros, naquela estante.

— Não sabia! disse *Isabel*. Vamos ver.

O quarto estava quentinho e agradável. *Virgínia* ligou o rádio e uma música doce, encheu o quarto. *Isabel* trouxe dois livros para lerem debaixo das cobertas enquanto o rádio tocava.

Vovó subiu ao seu quarto e logo depois as meninas ouviram o barulho de *nha Chica* apagar a luz e subir as escadas, depois de lhes haver dado um cordial *Boa-noite*.

A casa mergulhou-se num silêncio profundo. A chuva recomeçara. Grossos pingos caíam batendo nas vidraças. O vento, passando pelas ciprestes, assobiava tristemente.

— Gente, que silêncio! cochichou *Isabel*.

— Será que *nha Chica* trancou bem a porta? perguntou a outra.

— Com certeza. Não há nada para se fazer.

— Eu sei. Só que estamos sôzinhas aqui em baixo e esta casa é assombrada.

*Isabel* não respondeu. Prestava atenção aos últimos sons da música, tão em surdina. A música cessou e ouviu-se a voz de homem:

— Avisamos os motoristas que cuidem dos carros porque nas vizinhanças da estrada que vai para *Ribeirão Preto* anda um grupo de bandidos.

— *Isabel*, a estrada, que vai para *R. Preto* não é esta? E' sim.

— Talvez o bandido saiba que tia *Joana*

não está, acrescentou *Isabel*, e há muita prata nesta casa.

— E joias, segredou *Virgínia*.

Desligaram o rádio e ficaram imaginando todos os perigos possíveis.

— Aquele guarda-roupa enorme onde dependuramos nossos vestidos, você viu se não havia ninguém lá? perguntou *Virgínia*.

A irmã até achou graça.

— Ora, *Virgínia*, não seja boba. Lá não há ninguém.

— Eu também acho que não, disse *Virgínia*, um tanto envergonhada. Mas, seja como for, é melhor apagarmos a luz.

Assim fizeram e cobriram-se bem. O vento agora soprava mais forte e gemia por entre as árvores. A chuva caía pesada; não obstante o medo que se lhes apossara, iam pegando no sono, quando *Isabel* sente o braço da irmã puxando o seu.

Como que a grande distância ouvem o relógio dar dez pancadas.

— Que é? perguntou meio dormindo.

— Psiu! falou *Virgínia* muito baixinho.

E' gente na porta.

*Isabel* arregalou os olhos e sentou-se para escutar. Era mesmo. Alguém estava à porta. Ouviam distintamente o fantasma mexer na porta da frente.

— Que havemos de fazer? cochichou *Isabel*.

— Eu é que não sei, disse a menor.

— Já sei. Vamos abrir a porta do guarda-roupa e esconder-nos atrás de *nossa* porta; quando ele entrar aqui, nós duas lhe damos um empurrão para dentro do guarda-roupa e o trancamos lá.

— Isso mesmo! O'timo!

Revestindo-se de coragem, pularam da cama e prepararam-se; nem respiravam.

Dalí a pouco ouviram a porta da frente abrir-se e passos no *hall*. Ouviam-no andar aqui e ali como que indeciso.

— Vem vindo aqui! talou *Virgínia* num cochicho sumido.

Nem bem acabou de falar, uma figura alta apareceu. Viam-na apenas pela renda da porta, mas distinguiram perfeitamente um lenço na cabeça e pescoço.

Agora estava bem ao seu lado... pertinho... agora, bem em frente ao guarda-roupa.

— Vá, gritou *Isabel*, e as duas juntas deram-lhe tamanho empurrão que a figura, sendo tomada de surpresa foi de ponta-cabeça parar dentro do guarda-roupa. *Isabel* fechou



a porta num abrir e fechar de olhos e Virgínia trancou-a, enquanto o bandido turiosamente dava gritos, murros e pontapés.

— E agora?

— Vamos chamar vovó.

Subiram as escadas às carreiras e voltaram pouco depois, acompanhadas da vovó e de *nha* Chica, trazendo um bordão.

— Imaginem, um ladrão! E pobre de *siá* Joana bem hoje tora de casa! monologava a preta.

Vovó aproximou-se corajosamente do guarda-roupa e disse bem alto:

— Quem é você? Vamos, diga.

— *Quem é você?* gritou de dentro, turiosa, uma voz de mulher. Quem é você queria eu saber. Prender-me num guarda-roupa em minha própria casa! Onde já se viu, iso?

— Barbaridade! Será possível? E' a tia Joana! disse vovó.

Virgínia e Isabel sentaram-se, sem forças, olhando uma para outra, sem saber o que dizer. Acabaram de perder, por completo, toda a esperança de ganhar o bracelete.

*Nha* Chica abriu a porta e tia Joana, vermelha e brava como uma fera, saiu de sua prisão.

Só agora é que as meninas viram nela o lenço vermelho que haviam tomado por máscara.

— Que pena! murmurou Isabel.

— Quem é que fez isto, indagou a tia secamente.

— Nós... tomamos nós. Pensávamos que rósse um ladrão.

— *Siá* Joana, a senhora não disse que vinha amanhã? perguntou *nha* Chica timidamente.

— Sim, mas mudei meus planos. O'tima

recepção! disse, olhando tirmemente para as meninas. Onde está meu guarda-chuva, perguntou, virando-se para olhar no guarda-roupa.

Mas parou assustada. Numa das paredes do guarda-roupa viu uma pequenina porta aberta e dentro uma prateleira com um rôlo de papeis.

— Um lugar secreto! exclamou vovó. Joana, não acha que pode ser...

— Ah! se fôsse! respondeu tia Joana noutro tom de voz. Tirou os papeis, abriu-os e com ânsia indizível levou-os mais no claro para ver bem. Êle mesmo! exclamou triunfante. O testamento perdido! Já não preciso sair da casa!

E as crianças viram, para sua grande surpresa, lágrimas nos olhos de tia Joana.

Decorreram horas antes que novamente todos se achassem deitados.

O dia amanheceu limpo e claro. A natureza parecia sorrir e espalhar felicidade.

A's sete horas mais ou menos entrou *nha* Chica no quarto com duas bandejas e, colocando-as ao lado da cama das meninas, disse:

— *Siá* Joana mandou dizer que hoje vocês podem tomar café na cama como gente grande.

— Que é isto? perguntou Virgínia, abrindo uma caixinha, forrada de veludo, que encontrara em sua bandeja.

— Eu também ganhei! exclamou Isabel.

Sem dúvida, eram os braceletes que tia Joana mandava às sobrinhas corajosas que tão bem cuidaram da sua casa.

— Então vamos lá dar-lhe um beijo e dizer-lhe "muito-obrigada", lembrou Isabel.

— Eu não disse, falou *nha* Chica rindo, que ela mais late do que morde?





# QUE FARIAS TU?



Um dia, há muitos séculos, os habitantes de Calais, na costa da França, olhando pelas muralhas da cidade, viram-se cercados por soldados ingleses cujo rei era Eduardo III. O exército rodeava a cidade, separando-a do resto da França. As portas e estradas estavam bloqueadas. Não podiam escapar nem receber auxílio ou comunicação, que não fôsse por mar.

— Ah! exclamaram êles. Este rei guerreiro ainda não se satisfaz com a vitória de Crecy? Pois terá de tomar este porto antes de se considerar senhor de nossa rica terra. Pois bem! Nossos muros são fortes. Mostrar-lhe-emos como se brinca de péga-péga.

Os franceses orgulhavam-se de sua própria cidade, a porta da França, e entregavam-se com a própria vida.

Prepararam-se pois, chefiados pelo governador, para se defenderem contra Eduardo. O cerco seria longo, pois o rei inglês mandou construir casas de madeira para confortavelmente ficarem à espera da rendição.

Enquanto a entrada por mar ainda era livre, cuidaram de acumular provisões: também acharam prudente que saíssem os velhos e fracos, pois, êstes não suportariam a fome que iria reinar; felizmente lhes permitida a passagem pelo campo para as outras cidades. O cerco continuou, mês após mês. Eduardo já se impacientava com a demora que lhe custava.

Os habitantes notaram com tristeza que os víveres diminuiam dia a dia. A fome

e a morte ameaçavam-nos. Clamaram ao seu rei.

“A última migalha foi comida”, escreveu o governador da cidade a Filipe, rei da França. “Estamos a morrer de fome. Se não vierdes logo a socorrer-nos, ouvireis brevemente que esta cidade está perdida e com ela, seus habitantes”.

Depois, de muitos dias sombrios, viram surgir o exército francês, bandeiras desfaldadas, tambores e cornetas soando. Entretanto, vieram apenas para conferenciar e marcharam de volta sem desferir um golpe sequer em defesa de Calais. Passaram-se onze infundáveis meses de cerco. Já não resistiam à fome. Tinham de se entregar ou morrer. Pediram ao governador que indagasse sobre os termos aceitáveis. Ele, trepando na muralha, agitou a bandeira branca, a bandeira de paz.

Eduardo, ao avistá-la de seu confortável acampamento, enviou dois de seus valerosos cavaleiros, nos quais depositava toda a confiança, para receber a mensagem.

— Quer dizer que estão dispostos a entregar a cidade? perguntaram êles.

— Sim, desde que nosso rei nos abandona, não podemos resistir por mais tempo, pois estamos morrendo de fome. Rende-mo-nos, porque a isso somos obrigados, com toda a riqueza que há na cidade, se tão somente o rei Eduardo nos poupar as vidas.

— Nosso rei não está de bom humor para aceitar tal proposta, replicaram os cavaleiros, que bem conheciam o gênio de Eduardo III. Ele já está grandemente

nte para  
a-chuva,  
guarda-

paredes  
na porta  
um rôlo

vovô.

Joana  
abriu-os  
no claro  
ou triun-  
vão pre-

nde sur-  
oana.

ramente

A natu-  
lado.

rou nha  
e, colo-  
disse :  
e vocês  
gente

abrindo  
encon-

Isabel.  
que tia  
as que

e dizer-  
el.

rindo,



Pat

-1940



irado com vossa resistência que o força a grandes despesas. Não espereis, pois, misericórdia de sua parte, é o que vos podemos adiantar.

— Tristes novas, disse o governador. Enfim, fizemos o que qualquer um faria em nosso lugar — defendemos nossa casa. Dizei a vosso rei que nunca fomos seus inimigos e lhe imploramos misericórdia.

Os cavaleiros tornaram ao acampamento com a mensagem.

Como previam, o rei não se apiedou, antes gritou furiosamente:

— Não concederei nenhum termo de paz àqueles velhacos. Que se entreguem sem condição alguma.

— Magestade! E' um povo valoroso! rogaram os cavaleiros.

— Valoroso! exclamou o rei colérico. Pois bem, que seis dêles me entreguem a vida e os outros serão poupados. Dizei-lhes que êsses seis terão de marchar pela cidade, descalços, com cordas ao pescoço, trazendo-me as chaves da cidade e entregar-se inteiramente a mim. Sômente assim terão os outros minha mercê.

Quando o governador recebeu esta mensagem, caiu em profunda tristeza. "Deus nos ajude", disse êle.

— E' uma questão que não posso decidir sôzinho. Preciso consultar com meu povo que está a perecer. Peço que me deis prazo para isto.

Sem perda de tempo dirigiu-se ao largo do mercado, ordenou que se tocassem os sinos para se reunirem todos, pois transmitir-lhes-ia as palavras do rei. Pouco depois viam-se reunidos homens e mulheres, todos muito pálidos. Esperaram em

completa mudez, depois de ouvidas as sinistras palavras. O silêncio era cortado de quando em quando pelos soluços dessa pobre gente.

Eustace de S. Pedro, o negociante mais rico de Calais, foi o primeiro a falar.

— Companheiros, que tão corajosamente suportastes o cêrco, acho não ser direito tantos perecerem, quando de uns poucos depende a salvação: "**Maior amor não tem o homem, que dar sua vida por seus amigos**", disse nosso Senhor. Estou pronto a dar prova disto.

Suas palavras trouxeram um ráio de esperança àqueles corações quebrantados. Rodearam-no para apresentar-lhe sua gratidão e suplicar que Deus o abençoasse. Ainda falavam e eis que se levanta João Daise e toma o lugar ao lado de Eustace de S. Pedro, dizendo:

— Farei companhia a meu amigo.

— Eu também, disse James Wisant, outro negociante ricoço.

— Também eu, ajuntou Pedro, seu irmão.

Mais um, alma grande e nobre, se apresentou.

A lista estava completa. Os seis mais corajosos homens de Calais prepararam-se de acôrdo com as ordens do rei. Com cordas ao pescoço, cabeças descobertas e pés descalços, marcharam vagarosamente pela cidade que tanto amavam e tanto defenderam. O governador, extremamente abatido, acompanhou-os até ao portão onde esperavam os dois cavaleiros.

— Entrego-vos, disse êle, com as chaves de nossa cidade, êstes seis cidadãos que estão prontos a dar suas vidas em resgate de muitos. São homens de destaque e merecedores da compaixão do rei. Intercedei por êles.

— Sem dúvida, responderam êles, sensibilizados pela bravura dêstes homens.

Chegados à presença do rei os seis cidadãos de Calais, inclinaram-se respeitosamente e apresentaram-lhe as chaves, dizendo:

— O' rei, grande e sábio! Entregamos-nos de acôrdo com o trato feito de serem os nossos queridos poupados. Fazei de nós o que vos aprouver.

Foi um momento que tocou no coração de todos. O rei, no entanto, franzindo a testa, procurou o carrasco. Soldados rudes deixaram cair lágrimas. Cavaleiros, cujo dever era amparar e proteger os fracos, não podiam suportar aquilo em silêncio. Um dêles, corajosamente exclamou:

— Grande rei! Até aqui sois conhecido pela vossa sabedoria e fôrça. Entretanto assim não mais será, se não fordes benevolente para com êstes homens valorosos. Se tirardes suas vidas, vosso nome apare-





cerá na história como um vil tirano. Não deixes que vosso nome fique manchado.

— Mandai vir o algoz, ordenou êle, indiferente às palavras proferidas.

Entretanto, sua mulher, a rainha Filipa, que com êle estivera no campo, chorou amargamente ao ouvir suas palavras. Piedosa e cheia de misericórdia, atirou-se aos pés do rei, seu marido, implorando:

— Senhor! Uma vez me fizestes a promessa de um favor quando vos pedisse. Até hoje nenhum pedido vos fiz. Mas agora, humildemente vos suplico pelo amor que me devotais e pela palavra que me destes, poupai êstes valorosos homens!

O rei lançou-lhe um olhar frio, contrariado. Era o único favor que não lhe desejaria conceder. Outra coisa qualquer e êle com prazer lhe atenderia. Seu orgulho e seu amor pela rainha debatiam-se.

Finalmente, respondeu:

— Graciosa Senhora, melhor fôra que não estivesseis aqui desta vez. Mas assim foi e não posso recusar-vos. Tirai êstes homens de minha face; fazei com êles o que quizerdes.

Assim os seis homens que se deram para salvar a vida de seus companheiros, foram salvos pela bondosa rainha.



## O C A V A L O R O U B A D O

Um lavrador possuía um cavalo de estimação. Sendo-lhe roubado certa noite, viu-se obrigado a ir comprar outro num mercado a algumas léguas distante.

Qual não foi sua surpresa ao descobrir o cavalo na feira entre muitos outros!

Pegou imediatamente no freio e exclamou:

— Êste cavalo é meu, foi-me roubado há tres noites. O que vendia o animal, respondeu-lhe com bons modos:

— O senhor está enganado, tenho este cavalo há mais de um ano.

— Não é seu, embora pareça.

Repentinamente o camponês tapou com as mãos os olhos do cavalo e disse:

— Diga-me então, de qual dos olhos êle é cego?

O sujeito que o roubara, viu-se em-

baraçado, pois nisso não havia reparado, e respondeu-lhe a toa.

— Do esquerdo.

— Pois é o senhor que está enganado, êle não é cego do olho esquerdo.

— Estava brincando, disse o homem, é do olho direito.

O lavrador, destapando os olhos do animal, disse:

— Está provado que o senhor é ladrão e mentiroso. Vejam todos: — o cavalo não é cego de nenhum dos olhos. Fiz-lhe esta pergunta para descobrir a verdade.

Todos riram, bateram palmas e gritaram:

— Está apanhado! Está apanhado! Caiu no laço! Não pode negar!

O ladrão assim descoberto foi obrigado a entregar o cavalo ao dono, recebendo depois o castigo merecido.

*"Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo".*





# O Mistério do Velho Forte

Diva e Durval estão passando as férias em Santos onde encontram o menino Eurico e seu tio, o capitão Alves. Seu outro amigo é Roberto que lhes consta uma interessante história dum tesouro escondido no Forte. Roberto e seu pai já estiveram de viagem ao Forte com o fim de explorá-lo, mas um naufrágio os separa; o filho foi salvo por um saltimbanco, nada vindo a saber de seu pai, que dera por morto; de seu tio Carlos, único parente vivo, também nada mais soubera. O capitão Alves acompanha as crianças ao interior do Forte, pois diziam ter ouvido num quarto um barulho misterioso. Para sua grande surpresa descobrem lá o tio Carlos, que também procurava a fortuna escondida. Roberto sente-se radiante de alegria ao ouvir do tio a boa nova de que seu querido pai ainda vivia; canta então a canção 'Um navio mestre' que costumava entoar com o pai e cujos dizeres se relacionavam com o tesouro. Diva acha que as palavras do canto são a chave para se desvendar o mistério.

O capitão continuava olhando para Diva.

— Ora, pois o rapaz pode estar certo, exclamou. Como você concluiu isso?

Diva sorriu.

— Eu mesma não sei bem. Mas Roberto disse que o velho marinheiro recomendou a seu pai não se esquecer do canto. E' porque deve ter alguma coisa com êle.

— Isso mesmo! disse Durval pensativo. Que poderá ser?

Eurico olhou para Roberto:

— Vamos, Roberto, conte-nos novamente a história, de fio a pavio. Talvez esclareça.

— Não há muito para contar. O velho marinheiro era amigo de papai. Ao sentir que ia morrer revelou o segredo de que havia aqui um tesouro escondido e entregou-lhe um mapa. E, quando papai e eu vínhamos à sua procura, a tempestade naufragou nosso navio. Ficamos separados e o mapa, perdido. Isso tudo, porém, vocês já sabiam.

— Foi o marinheiro mesmo que escondeu o tesouro aqui? perguntou Diva.

— Não sei. Ele disse que fôra deixado neste Forte por alguns homens naufragados depois de uma tempestade muito forte. Talvez o marinheiro tenha sido um deles. Mas seja como for, era êle a única pessoa viva conhecedora do caso.

Enquanto trocavam idéias, os olhos de Diva corriam pelo quarto. De repente virando-se para o capitão:

— O senhor não disse que êste era o quarto?

— Disse, mas que tem isso com a história? Eu penso que êste devia ter sido o quarto dos oficiais.



— Então, tudo vai dando certo. E eu penso que o tesouro está aqui mesmo.

Enquanto as perguntas curiosas se sucediam, Diva correu a olhar as figuras que haviam visto na parede do outro quarto.

— Não se lembram? perguntou.

Durval, indicando os rabiscos.

— Você acha, Diva, que estas são as velas?

— Justamente! respondeu a menina convicta. Vá dizendo as palavras do canto e vamos ver se descobrimos.

Durval começou a repeti-las, em voz alta, no que foi ajudado pelos outros.

— A outra parte diz que quando cessou o vento o capitão esteve em seu quarto, em baixo, disse Eurico.

— Que você conclue disso, Sherlock? perguntou Roberto.

Diva não pôde deixar de rir.

— Entendo que depois da tempestade o tesouro foi escondido no quarto.

O capitão sacudiu a cabeça

— "Sons de longe chegaram a mim"



— Mas os marinheiros  
engraçadas fazem. Pode ser  
assim.

— E o resto das palavras, você  
perguntou Durval.

— Embarcarei no trem da manhã e  
cavarei o mar bravo. Irei ao  
amor com uma caixa..."assim  
Roberto.

— Um minuto! interrompeu Diva.  
— Am as figuras. Aqui está um navio  
de ponta-cabeça — e isso só pode sig-  
nificar um naufrágio!

E que você pensa representar  
esta fileira de quadrados, parecidos  
com casas, mas só o último tendo cha-  
minho?

— E' o trem da manhã a que êle se  
refere! exclamou Diva triunfante.

— Ora, gritou Roberto, pois isso  
que parecia u'a mãozinha, deve ser  
uma luva!

— E o dedão da luva aponta para  
o lado. Deve ser onde...

— Dêem-me a machadinha! bradou  
o capitão. Embora não o acredite  
vou cavar para ver!

— Pronto, ei-la! disse Eurico que  
se apressou em pegá-la.

— Mas, que vai fazer? Cavar o  
monte de pedra?

— Deixe titio Carlos fazê-lo, pediu  
Roberto. Se de fato estiver aí, gostaria  
que êle tivesse o prazer de encontrá-lo.

Tio Carlos até ali nada dissera;  
mostrava-os com mostras de satis-  
ficação, mas sua descrença quanto a  
encontrar o tesouro com tanta faci-  
lidade era bem patente.

— Já via, tanto Diva pediu que êle,  
pegando a machadinha, começou a  
cavar o monte de cisco.

— Não demorou um minuto e o ma-  
chado bateu no metal.

— Isso! exclamou Roberto entu-  
sasticamente. Deve ser êle!

— Eu nem aguento esperar! disse  
Diva, dando pulos de alegria.

Durval, Eurico e o capitão achega-  
ram-se aos outros. Mais umas ma-  
chadadas e tio Carlos arrancava uma  
peça enegrecida.

— Ora! só niqueis! exclamou Ro-  
berto desapontado, à medida que er-  
ram a tampa, apresentando-se-lhes  
nos olhos moedas pequenas e escuras.

— Ouro. atalhou o capitão, exami-  
nando uma delas.

— Ouro? repetiram as crianças em  
côro.

— Uma fortuna! exclamou tio Carlos,  
Havia lágrimas nos olhos de Roberto.

— O' tio Carlos, é nosso de verdade?  
Quer dizer que nunca mais não vamos  
ser pobres? Podemos então todos  
morar juntos — o senhor, eu, papai —  
e Bopo também?

— Bopo também, naturalmente,  
concordou o tio, tendo ouvido sôbre  
o carinho com que o saltimbanco  
cuidara do menino.

— Vou escrever-lhe assim que arran-  
jar um lapis e papel, exclamou Rober-  
to, não cabendo em si de contente.

— Seu pai e eu estávamos pensando  
em comprar uma fazendinha, conti-  
nuou o tio.

Depois, um tanto desapontado por  
haver esquecido os outros, disse, diri-  
gindo-se a êles:

— Eu acho que vocês todos devem  
tomar parte nisto.

— Oh! não! exclamaram Diva e  
Durval. Temos tudo que precisamos!

— E nós também! disse o capi-  
tão, passando o braço em redor do  
ombro de Eurico. Queremos apenas  
permissão para visitá-los quando esti-  
verem na fazenda. A nossa recom-  
pensa é saber que os quatro, depois de  
tantas peripécias, estão alegres e felizes.

Os outros concordaram.

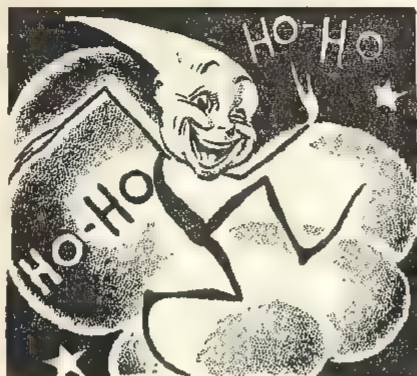
— E eu, exclamou Diva satisfi-  
tíssima, posso afinal dizer que vivi uma  
história misteriosa.

FIM





# S E C Ç Ã O D O S



O sorrisozinho estava perdido.  
"Ho-ho-ho!" disse êle, mas ninguém lhe fez companhia. Ninguém o ouviu. Êle estava perdido mesmo; não pertencia a ninguém.

Então saiu à procura de quem o quisesse.

Andou, andou, andou, indo afinal dar com um grupo de quatro pessoas, na estrada, já sem saber o que fazer com um burro empacado que parecia disposto a não arregar pé do lugar por todo aquele dia.

O carrinho alaranjado que puxava, vinha cheio de patos, gansos e galinhas.

Uma senhora vistosa e gorducha, sentada na carrocinha, cotucava o burro teimoso com tôda a fôrça. Na frente, o sitiante, homem resistente e tisonado pelo sol, puxava-o pelas rédeas, firmando-se nos cascos do animal. Ao lado um menino empurrava o varal e uma menina puxava o rabo do burro turrão.

— Vamos! Eh! berrava o homem.

— Anda! Eia! gritava a mulher. Até quando isto?

— Levou a breca, exclamou o menino.

— Caramba! Eta ferro, completava a menina.

— Có-có-có! Quee, quee, quee! Cluck, cluck, cluck! gritavam juntos os gansos, patos e galinhas alarmados.

Que confusão! O Sorriso Divertido não aguentava mais de vontade de fazer parte daquele grupo enfurecido. Se havia lugar precisando de sua presença, era aquele.

## ★ O Sorriso

Sem mais esperar o Sorriso pulou no ombro da menina e fez-lhe cócegas no pescoço bem em baixo de seus cachinhos castanhos. Claro está que ela não o podia ver, mas o fato é que a menina começou a rir.

Ouvindo-a, o irmão virou-se para ver o que era. Vendo-a olhar para o burro e rir, êle também começou a rir. O pai e a mãe percebendo-lhes a alegria, pararam de praguejar.

— Isto não é brincadeira! gritou o pai.

— *Precisamos* chegar ao mercado quanto antes, dizia a mãe, mas êste burro... *Puf!* O Sorriso Divertido pulou-lhe na orelha e fez uma cóceguinha.

— Ha, ha, ha! gargalhou a mulher.

E tanto ela riu que precisou largar o pau e segurar-se à carroça com ambas as mãos. O marido, a princípio ficou contrariado e nervoso. Todavia, vendo todos rirem, também começou a rir.

Riram tanto que foi preciso sentarem-se no chão para descansar. Até os patos, gansos e galinhas começaram a rir!

— Cluck, — cluck, cluck! Ho-ho-ho! Ha-ha-ha! Quec - quec-quec!

Quanto mais riam, mais engraçado se tornava.

O burro estava espantado! Mexeu com umá orelha. "Ah! Então era dêle que estavam rindo? Como ousavam motejá-lo?" Não pensassem que ficaria alí, servindo-lhes de graça! Ah! Isso não!"

E dando um pulo e um avanço decidido, saiu em disparada estrada a fora, sendo preciso o pai e as crianças correrem para alcançá-lo.

— Pois bem, pensou o Sorriso Divertido, êstes já não mais precisam de mim. Com um burrinho como êsse, terão quantas risadas quiserem.



# S P E Q U E N I N O S

## s Divertido \*

adiante e ao chegar à cidade encontrou duas meninas, correndo de mãos dadas.

— Já está ficando escuro, irmã, a menor. Tenho medo.

E duas lágrimas rolaram-lhe pelas

— Que é isto? exclamou o Sorriso Divertido. E' aqui então o meu lugar.

hip, hip, e lá foi ele pulando no ombro dela.

— Ha-ha-ha, sorriu a menininha. as sombras engraçadas!

irmã parou surpreendida. O Sorriso Divertido fez-lhe cócegas no nariz.

— Ha-ha-ha, sorriu a mais velha. aquelas sombras, que graça!

as duas vergavam até o corpo de rir e a sombra delas, fazendo o mesmo, provocava-lhes mais ainda o

Assim, rindo, pulando e dansando as, de mãos dadas, chegaram a casa num abrir e fechar de olhos.

O Sorriso continuou seu caminho pelas ruas da cidade e chegou a um cruz. Havia muita gente para ver os diferentes animais: — cavalos brancos,

leões, elefantes e outros bichos. O Sorrisozinho empoleirou logo no mastro, bem no alto donde podia enxergar tudo. O palhaço, no picadeiro, acompanhando de seu cachorrinho, esforçava-se por ser engraçado, mas ninguém achava graça.

Sorriso Divertido teve pena do velho palhaço que, aproximando-se do mastro, deixou escapar duas grossas lágrimas.

"Oh! E' aqui meu lugar, vou melhorar a situação" pensou o Sorrisozinho, e, descendo do mastro, pulou no ombro do palhaço onde dansou uma jiga.

— Ha-ha-ha, começou o palhaço, pondo-se logo a dar saltos, reviravoltas e cambalhotas, e sendo logo imitado pelo cachorrinho.

Todos riram, bateram palmas e deram vivas. O velho palhaço ficou tão contente que não podia mais parar de rir.

"Que me aconteceu hoje? Agora não me esquecerei mais como hei-de rir", dizia o palhaço.

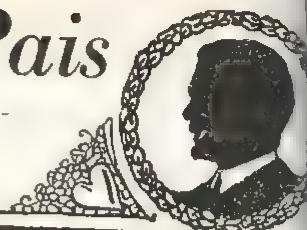
E o Sorriso Divertido saindo dali já noite alta, deixou-se levar pelo vento, pois acabava de crer que todos têm seu sorriso próprio, faltando apenas pô-lo em ação.







# Página dos Pais



## COMO OBTER BOA DISCIPLINA

O que ao adulto parece, muitas vezes, ser insignificante é, para as crianças, de suma importância. Não raro é uma peninha ou uma folha que lhes desperta a curiosidade e para o que elas esperam a atenção e o interesse da mãe, do pai ou de quem está ao seu lado. Esta natural tendência para a observação deve ser incentivada. Certa vez uma criança procurava pegar alguma coisa do chão. A mãe quis descobrir o que era, mas nada viu. Daí a pouco veio a menininha satisfeita trazendo o que conseguira erguer — um elício!

Atenção e calma contribuem muito para formar na criança um espírito pacífico. Bom seria se as mães se lembrassem de que seu nervosismo frequentemente resulta do excesso de trabalho físico ou mental. Talvez a mãe não possa diminuir suas obrigações nem remover a causa de seus aborrecimentos. No entanto, ao ir pôr o nenê na cama para seu sono durante o dia, deve procurar descansar também, nem que tenha só dez minutos disponíveis.

Boa disciplina a mãe poderá ter, tratando a criança como sua amiga, deixando-a compreender que ali está para ajudá-la, orientá-la, ensiná-la e não para governá-la.

Sempre que for possível, deve substituir ordens por sugestões, como por exemplo: *Isso não se põe na lôca, machuca ao invés de Tire isso da lôca*, devendo lembrar-se de que muito influe o tom da voz.

Bem fácil seria evitar os não e os castigos, se tão somente as mães se dessem ao trabalho de desviar a atenção da criança. Conheci uma senhora que tinha na última prateleira da cozinha alguns pratos e utensílios quebradiços. O garotinho, que já sabia andar, tinha prazer em mexer naquilo. A mãe zangou, deu-lhe umas tapas, mas ele, teimoso, insistia. Que fez então? Enquanto o espôso saiu da cozinha com o menino, ela tirou tudo da prateleira e colocou uma colher de pau, uma caixa vazia, tampas de panela e outros utensílios igualmente interessantes e com os quais ele podia brincar. Quando voltou foi direitinho à prateleira mas distraiu-se com o que ali estava, já nem se lembrando do que havia antes. As mães precisam descobrir os recursos mais eficientes para lançar mão deles. A repetição constante de ameaças torna-se sem valor.

Fazer todo o possível para evitar cenas, faz parte da boa disciplina. Quando uma

criança à mesa não quer mesmo comportar-se basta levá-la ao quarto e sem barulho nenhum mandá-la ficar aí até resolver obedecer. E' o bastante. Não havendo auditório, não haverá graça em se debater e fazer-se rebelde.

Pode com igual resultado fazer a criança deitar e descansar, explicando que seu nervosismo é por falta de descanso, mas nunca mandá-la dormir como castigo.

Ao pôr o filho na cama, é aconselhável mãe falar-lhe mais ou menos assim: *Quando você acordar, benzinho, mamãe vem buscar você ou Fique quietinho e durma que depois mamãe vem cobrir o filhinho*, pois assim a criança se sentirá amparada. Conheci uma menina de sete anos que morava com a mãe num apartamento. Certa noite, demorando-se mais a mãe para vir, a menina foi deitar-se deixando sobre a mesa um bilhetezinho com estes dizeres:

*"Mamãe, quando a senhora chegar, dê um beijinho em mim"* e assim ela dormiu certa de não estar abandonada. Inúmeros são os modos de despertar a confiança que os filhos devem depositar na mãe e esta por sua vez deve fazer-se merecedora dela.

Muitas mães cometem o erro imperdoável de escapar dos filhos já grandinhos, com a seguinte desculpa: *"Corta-me o coração sair, deixando-os tão tristes..."* Mas será que o coraçãozinho deles não se despedaça ao se descobrirem enganados? (Com certeza o caso nunca foi analisado sob este prisma). Bem melhor seria dizer: *Mamãe vai à cidade e quando voltar, trará isto ou faremos aquilo*, etc.

Evite dizer o que tão frequentemente se ouve: *"Quando seu pai vier, você vai ver..."* Nada disto. E' a mãe que precisa saber ser enérgica. Ela é que passa a maior parte do dia com as crianças e não pode deixar de ser obedecida, procurando fazê-las entender a razão de ela querer d'este ou daquele modo e incentivando a cooperação e boa vontade.

Disciplina não quer dizer castigo.

Tôdas as mães devem estorçar-se para serem pacientes. Devem observar as crianças e observar-se, a si próprias, também.

Se do que foi dito puderem chegar à conclusão de que não são perfeitas, já será um passo dado para obter uma obediência menos imperfeita por parte dos filhos. E, reconhecendo sua imperfeição e incapacidade, *"peçam sabedoria a Deus que a todos dá liberalmente"*.



# O Gatinho Perdido

Era uma vez um gatinho cinzento que andava perdido na Avenida Celso Garcia.

— Miau, miau, miau! chorava o gatinho e corria atrás dos transeuntes.

Era 2.<sup>a</sup>-feira de manhã.

Ele seguiu o leiteiro, o verdureiro e o carteiro, mas nenhum deles lhe deu atenção. Acompanhou os homens que se dirigiam ao seu serviço e também as crianças em caminho da escola. Foi miando atrás das mulheres que iam à feira, mas todos estavam ocupados demais para compadecer-se do bichano.

Então o gatinho pôs-se a seguir um menino que subia e descia a avenida, brincando com seu patinete. Era Orlando. Ora, Orlandinho tinha apenas cinco anos e não era tão ocupado como os outros.



Fez então com o patinete e, acariciando o animalzinho, disse:

— Que gracinha de bichinho, de onde você veio?

Mas o gatinho só pôde dizer:

— Miau, mi-au!

Brincaram juntos a manhã toda, brincando no patinete e o bichano corria ao seu lado. Mas Orlando não sabia que ele estava perdido.

No meio dia, quando seus irmãos voltaram da escola, mamãe chamou:

— Orlando, almoçar.

— Já vou indo, respondeu. E correu para casa.

E o gatinho? Pois correu também e tão depressa que Orlando não pôde fechar a porta em tempo.

— Barbaridade! exclamou a mãe. Orlando, onde você achou esse gato magro?

— Mas não o achei, mamãe; ele é que me achou.

— Mi-au, mi-au, mi-au, miou ele, sentindo o cheiro da comida.

Perceberam então que estava perdido e com fome.

— Coitadinho!

Todos se compadeceram e cuidaram muito dele. Em poucos momentos, porém, estava com a barriguinha cheia. Já não miava; rosnava apenas de satisfação, prrrrrr-prrrrr!

— Mamãe, a senhora me deixa ficar com o bichaninho? perguntou Orlando. Cuidarei muito dele. Quero dar-lhe um nome bem bonito — Setim.

— Mas já deve ter nome.

— Que pena! disseram as crianças.

Então que vamos fazer? perguntou Jairo, o mais velho.

— Acho melhor, depois das aulas, vocês irem falar com o delegado que saberá dizer se alguém o perdeu; se não souber, ficaremos com ele.

De volta da escola foi grande o alvoroço das três crianças para pôrem o gatinho numa cesta e levá-lo à delegacia.





— Em que lhes posso servir? perguntou logo o delegado.

— Orlando achou um gatinho, explicou Jairo.

— O gatinho é que me achou, senhor.

— E nós o trouxemos, disse a irmã, tirando-o da cesta e pondo-o sobre a escrivaninha.

— Bem, bem, vou então ver no livro quem perdeu algum gatinho.

E, virando as páginas, foi lendo:

*Perdeu-se um gatinho listado, chamado Mimí. Gratifica-se a quem o entregar na agência do correio à Sra. Camargo.*

*Perdeu-se um gatinho de patas brancas, chamado Ratoeira. Gratifica-se a quem o entregar na Drogaria, rua Bresser, 34, à Snra. Nogueira.*

*Perdeu-se um gatinho chamado Florzinha, branco e cinzento. Entregar à Snra. Campos, no empório à rua Catumbí, 27. Será gratificado.*

— Parece, continuou o delegado, que se perderam muitos gatinhos nestes últimos dias. Examinando bem aquele, notou que tinha listas, patas brancas e era branco e cinzento. Então chamou: *Mimí, Mimí!* Mas o gatinho não atendeu. Experimentou então: *Ratoeira, Ratoeira,* mas não foi atendido e nem quando chamou *Florzinha, Florzinha.*

— Bem, o melhor é telefonar a estas pessoas que venham vê-lo e, se for êsse, você terá direito à gratificação.

A Snra. Camargo foi a primeira a chegar.

— Êste é Mimí. Ganhei-o de minha irmã segunda-feira passada e quarta desapareceu.

Em seguida chegou a Snra. Nogueira, que logo ao entrar foi dizendo:

— Sim, é a minha Ratoeirinha.

Apareceu na Drogaria quinta-feira, mas desapareceu na sexta.



Não demorou a chegar a Snra. Campos.

— Olhe a Florzinha fujona! Ela apareceu no empório sábado e no domingo já não estava mais em casa.

— Muito, muito bem, disse o delegado, esfregando as mãos e rindo. Então as senhoras encontraram seu gatinho. Agora, Orlando, pode receber suas gratificações e eu posso riscar os três anúncios.

— Mas o gatinho é o mesmo, disse a primeira.

— E' um gatinho só, disse a segunda.

— E para quem vai ficar? perguntou a terceira.

— Eu gostaria tanto que fôsse meu, até já lhe dei o nome de Setim. Jairo esclareceu mais.

— E mamãe disse que podíamos ficar com êle se não tivesse dono.

— Mas tem três, disse o delegado.

— Bem, eu queria um gato para me fazer companhia, mas dou o meu ao Orlando como gratificação, disse a Snra. Camargo.

— E eu queria um gato para pegar ratos, mas dou o meu ao menino como gratificação, disse a Snra. Nogueira.

— Pois eu queria um gato para me ajudar a cuidar do empório, mas dá-lo-ei ao menino como gratificação.

— Está resolvido o caso, disse o delegado, enquanto escrevia *Encontrado* adiante dos três *Perdeu-se*.

Orlandinho agradeceu muito às



três senhoras e satisfeito voltou para casa com seu irmão, sua irmã e seu gatinho. Cuidava muito dêle e Setim não fugiu mais. Seu nome inteiro era Setim Mimí Ratoeira Florzinha.

Alí passou o ano todo. Já Orlandinho tinha seis anos e Setim não era mais um gatinho, mas um bichanão.

Foi no mês de setembro, à hora do almoço que Orlandinho deu pela falta de Setim.

— Setim, Setim, pschi, pschi...

Mas Setim não aparecia.

Orlandinho deu uma busca pela casa e foi encontrá-lo na cesta debaixo do fogão, com três gatinhos, todos encolhidinhos perto da mãe e a mãe era Setim! Um gatinho era listado e recebeu o nome de Mimí; outro tinha as patinhas brancas e

foi chamado Ratoeira, e o outro Florzinha por ser branco e cinzento. Orlandinho teve uma idéia! Cuidou dêles com todo o desvêlo e quando já estavam crescidinhos, no ponto de deixar a mãe, Orlandinho pôs os três numa cesta e, acompanhado do irmão e da irmã, desceram a avenida Celso Garcia.

Pararam primeiro em casa da Snra. Camargo e lhes deram Mimi para companheiro. Pararam depois na drogaria e deram à Snra. Nogueira a Ratoeirinha e no empório deram Florzinha à Snra. Campos para fazer-lhe companhia.

Tôdas ficaram muito contentes, pois nenhuma havia pensado em receber tal presente, mas, sem dúvida, o mais satisfeito era o Orlandinho.



## A T E N Ç Ã O

Com o número de março começaremos a publicação da história : *O Maralho Mágico de Oz*.

Este conto já apareceu nas páginas do Bem-te-vi, há doze anos, e as crianças que nessa ocasião o leram, acharam-no deveras interessante ; a prova disso nós a temos nos pedidos que acabamos de receber para publicá-lo novamente.

Cuidado, pois, os bem-te-vistas com a sua assinatura para não perder a oportunidade de ler uma boa e extraordinária história.



### PRECISAM-SE! MENINOS PARA SEREM. —

Corajosos como Josué.

Confiantes em si como Neemias.

Obedientes como Abraão.

Perseverantes como Jacó.

Resolutos como Moisés.

Retos como Daniel.

Misericordiosos como Davi.

Piedosos como Elias.

Ousados como Pedro e

Para andar com Deus como Enoc.







## O cavalheiro desconhecido

CLARICE QUE NUNCA PENSOU EM SER PRINCESA,  
★ ENCONTRA UM DRAGÃO E UM HERÓI. ★

A manhã era calma, alegre e fresca ; o campo amanhecera coberto de flores ainda orvalhadas e lindas borboletas voejavam aqui e ali.

Clarice pegou seu livro de contos e, sentando-se na antiga cadeira de balanço, pôs-se a lê-lo. Vovó, com seu avental branco descascava ervilhas ao lado. Não havia barulho algum excepto o zunir de abelhas, o som d'água fervente numa chaleira e o cair das ervilhas na tigela.

Clarice de repente fechou o livro e levantou-se, com o rosto em fogo.

— Vovó, a senhora nunca teve vontade de que os contos de fada fôsem reais ?

— Ora, minha filha, eu não. Você queria ?

— Demais, suspirou a neta. Fico triste ao pensar que nunca poderei ser uma Princesa e andar numa floresta Encantada.



Vovó riu com vontade.

— Sabe, Clarice, acho que você com êsse vestidinho cor de rosa tem ares de princesa. Se quiser, pode até ir dar um passeio pela floresta. Quando sua mãe era de sua idade, gostava muito de fazer conta que aqui era a floresta Encantada.

— Mas o fato é que não é, respondeu Clarice desconsolada. Se fôsse verdade, eu queria ser uma princesa salva dum dragão feroz por um Príncipe Valeroso.

— E' isso que você leu há pouco ? Vovó sorriu.

— Isso mesmo. E a Princesa lhe deu uma linda flor e viveram felizes para sempre. Mas agora nem cavalheiros não existem mais, murmurou Clarice.

— Como não ? Há sim ! declarou vovó.

— Há mesmo ? repetiu Clarice admirada. A senhora conhece algum ?

— Conheço. E' jovem ainda. Ele é valente, bondoso e gentil — e já matou três dragões !

— Céus ! exclamou Clarice, arregalando os olhos.

Nesta sua visita à fazenda da vovó ela esperava ver muita coisa nova e interessante, mas nunca um cavalheiro !

— Quem é ? perguntou cheia de curiosidade.

— E' o Bento, respondeu vovó.

— O Bento ? exclamou Clarice. A senhora se refere ao Bento que ajuda o



Mas êle não passa dum cabo-

Mas é também um cavalheiro, disse vovó. Seu pai morreu no passado, deixando-o sôzinho com Bento quasi ficou desesperado, alheocera a mãe e não tinham dinheiro. Mas êle foi ativo. Arranjou este trabalho para fazer depois das aulas e durante as férias. Tem dinheiro suficiente para tratar da mãe. Você vê que êle venceu três dramas terríveis: *doença, pobreza, e*

Só

O rosto da menina se anuviou. Lá é muito para um menino de idade, disse vovó com eloquência. Deve lembrar-se, minha filha, nem todos os cavalheiros usam roupas ou armadura.

Clarice, levantando-se, disse:

Um! Mas não é como os contos de fada, disse desapontada. O melhor é passear pela floresta e *imaginar* aventuras.

Então leve esta cestinha para casa de amoras; assim, teremos uma sobremesa à tarde.

Com todo o gosto! Deve ser agradável comê-las frescas, disse

Não é melhor trocar de roupa? Não mancha...

Eu prometo tomar cuidado.

Está bem. Mas ande só pela floresta.

Não pule a cêrca que dá para o

O gado do Snr. João pasta ali muito perigoso.

Sim senhora. Até-logo.

Clarice saiu.

Caso você perca o caminho, grite alto que o vovô escuta. Êle e o Bento estão trabalhando lá na cêrca.

Sim senhora.

Clarice andou bastante, atravessou o campo, passou pelo campo e afinal, chegou na floresta.

Tudo parecia quieto! As meninas uniam suas copas e pássaros, e um dum galho a outro, chamavam companheiro. Foi andando, andando, até que encontrou as amoras. Eram bastante. Como eram gostosas! As amoreiras cresciam pela cêrca. Eram carregadinhas, mas as me-

lhores e mais bonitas estavam picadas pelos pássaros.

No entanto, as mais lindas estavam do outro lado.

"Vou trepar para alcançar algumas", pensou ela. Encontrando, porém, uma boa passagem, varou do outro lado. Oh! Quantas havia! Num instantinho a cesta estava cheia.

"Agora vou voltar. Vovó vai ficar admirada de minha esperteza".

Virou-se, mas parou. Onde estava? Não via mais a passagem. Desesperada procurou por todos os lados. Viu lá, bem ao longe, o telhado vermelho da casa de vovó. Criou vida nova. Não sabendo, porém, voltar pelo mesmo caminho, resolveu atravessar o pasto. Era mais fácil. Ansiosa por mostrar as frutas à vovó saiu a passos largos. Ouvindo um barulho de martelo do lado da cêrca, procurou descobrir o que era. Lá estavam o vovô, Bento e Diamante, o velho cavalo, pastando perto.

"O cavalheiro!" repetiu Clarice, olhando-o com ar zombeteiro. E continuou sua marcha.

De repente ouviu outro barulho; parecia um berro exquisito. Seu coração começou a pular de medo. Que seria? E ela viu um touro preto, enorme, formidável, dando pulos no chão.

Um touro! Então era aquele o pasto do Snr. João, de que lhe falara vovó! Não era preciso que Bento gritasse para que ela compreendesse o perigo. Largando a cesta de amoras, desatou a correr em disparada, mas, tropeçando num tóco, caiu de barriga; tentou levantar-se mas caiu novamente, dando mau jeito no pé.





A mais não se lembrou de nada, se ali ficou muito tempo ou não; só um pensamento a preocupava — veria ainda a mamãe e o papai?

Viu Bento vir correndo em seu socorro, gritando e agitando os braços.

O touro girava, batia o casco no chão e de repente investiu contra a menina. Na mesma hora chegou o vovô e levou-a para casa.

— Mas Bento? Que é de Bento? indagou Clarice logo que passaram para o outro lado da cerca e estavam fora de perigo.

Vovô riu e disse:

— Não se aflija por êle, meu bem. Nada lhe aconteceu. E' que os touros gostam de correr atrás de figura em movimento; então Bento chamou de propósito o touro atrás de si para dar tempo de eu pegar você.

— Mas onde êle está agora?

— Oh! Pois êle coreu em direção da cerca, levando para lá o bichão e trepou nela. Está salvo. Viu? Pronto, ai vem êle.

Sentando-se na cama, ainda muito abatida; Clarice viu o menino entrar apressado, pálido e ansioso, mas ileso.

— Oh! Bento, Bento! exclamou a menina. Você me salvou! E eu estava tão assustada! Tão assustada!

— Você agora já está boa, filhinha, disse-lhe o avô carinhosamente. Seu pé não está destroncado, apenas com mau jeito. Se você quiser ir para sua casa ver mamãe, poderei montá-la no Diamante e Bento irá levá-la.

— Olá, estou contente que você não está machucada, disse Bento.

Ajudou-a subir no cavalo e êle na garupa.

— Acho que fiquei tão assustado como você, disse êle.

— Mas você foi valente! declarou Clarice, já a caminho. Você foi o mais valente!

E de repente parou de olhos regalados. As palavras afluiram-lhe à mente.

“Então o cavalheiro valoroso ergueu no cavalo preto e juntos atravessaram a Floresta Encantada, salvos afinal do dragão perverso.

— Então, Bento, você até parece cavalheiros dos livros de fadas, salvaram princesas dos dragões fúria.

— Ora, Clarice, nunca pensei que alguém pudesse achar tal semelhança, respondeu o menino, rindo mas um tanto envergonhado com o elogio.

— Mas você é! exclamou enfaticamente. Você me salvou, você, hein! Queria dar-lhe alguma coisa em sinal de gratidão.

Bento não pôde deixar de rir.

— Então quando chegarmos à casa você me dá um sanduiche, pois estou morrendo de fome.

— Pois não! disse ela. Um sanduiche não era exatamente uma flor, mas talvez Bento desse preferência a êle.

Clarice acabava de ter a confirmação de que êle era realmente um menino cavalheiresco e um amigo a quem se podia orgulhar, exatamente como a vovô lhe havia dito. Seria seu companheiro para as férias daquele ano.

“E assim êles viveram sempre felizes”

## O briguento que deixou de brigar



Já estava quasi na hora de começar a aula, mas Naor, indifferente a tudo, estava absorvido em tocar “O Sole Mio” em sua gaita.

De repente foi interrompido pelos gritos de dois rapazinhos, Nico e Quinzinho, que passaram correndo.

“Naor, Naorzinho, pensa ter graça fazendo barulho bem lá na praça”.

— Olhem aqui, moleques, parem com isso exclamou Naor, fazendo-lhes cara de medo. Êles, entretanto, chegaram salvos à escola, pois sabiam que Naor teria, antes de correr, o cuidado de guardar sua preciosa gaita de modo a não cair.

— Êle fica louco de raiva quando ouve isso, falou Nico.



êle foi

sustado

declarou

oi mui-

os ar-

n-lhe à

gueu-a

saram

nal do

rece os

s, que

es em

que

ança,

s um

logio.

ela

u —

guma

casa

stou

iche

tal-

ma-

me-

de

nte

eria

da-

es"

R

so

er

à

le

sa

e

— Pois foi como ficou agora, respondeu

Quin.

Naor tinha um gôsto todo especial para  
lutas. Embora franzino de corpo, batia to-  
dos, altos, gordos, de qualquer tamanho. Nada,  
porém, o injuriava tanto como ouvir aquele  
menino:

"Naor, Naorzinho, pensa ter graça,  
Fazendo barulho bem lá na praça!"

Chamar sua música de barulho! Des-  
sacar! Inda mais que todos sabiam ser êle o  
que melhor tocava no grupo! Em todos as  
situações êle é que era o escolhido para tocar  
um solo e dirigir o grupinho que tocava.

A maior festividade escolar era por oca-  
sião da formatura. O fim do ano se aproxi-  
mava e grande era o movimento entre a  
cidade. Como Naor também ia terminar  
o 4.º ano, queria cobrir-se de glória antes de  
entrar no ginásio.

Este dia tomou teição tôda particular por  
causa do ensaio da música. D. Luiza, a pro-  
fessora, disse a Naor que êle melhorava dia  
a dia. Era por isso que assobiava satisfeito  
enquanto vendia jornais.

Mas ao sair da escola Nico e Quinzinho  
já o esperavam com o versinho picante:

"Naor, Naorzinho, pensa ter graça,  
Fazendo barulho bem lá na praça".

Não ficaram satisfeitos êstes dois meninos  
por haverem amolado o Naor já uma vez.  
Mas Naor avançou neles com tôda a tûria.  
Justamente nessa hora o diretor, Snr. Moraes,  
descia a escada; ao ouvir, porém, os gritos dos  
meninos, dirigiu-se a êles:

— Escute, Naor, pare com isso! ordenou.  
Já não lhe tenho falado que largue mão de  
lutas? Que significa você abusar assim de  
seus menores?

Nico e Quinzinho ao lado, olhavam vito-  
riosos.

— Êles caçoaram de mim, desculpou-se  
Naor.

— Bem, já tentei tudo para evitar que  
você brigue, disse o diretor em tom de zanga.  
Agora, Naor, escute bem o que vou dizer.  
Ouçe o meu ultimatum.

Naor não tinha a mínima idéia do que  
significava a ser essa palavra, mas parecia ser  
muito séria.

— Eu que ouça de mais uma briguinha  
sua e — escute bem, Naor — e você deixará  
de tocar no "chôro", para sempre. Entendeu  
bem?

Durante o resto daquele dia enquanto  
vendia jornais, ressoavam-lhe aos ouvidos as  
palavras do diretor, Sair do "chôro", — ora,  
êles não fariam nada sem Naor para guiá-los!  
Nada no dia seguinte e por tôda a semana  
Naor se lembrou do que lhe estava reservado  
e fechasse o punho para alguém e conseguiu  
dominar-se, embora o irritassem muito.

Todavia as palavras do diretor foram-se  
apagando da memória com o passar dos  
dias e logo a palavra "ultimatum" caiu em  
completo esquecimento.

— Um novo aluno entrou para a escola.



Era Leôncio, um convencido, que não olhava  
com bons olhos o Naor por ser pobre mas  
valente e bom na gaita.

— Lá vai o valentão sabido, gritou Leôncio  
certo dia, quando esperavam bater a cam-  
paínha. Sômente os bobos é que andam com  
êle.

Naor ficou furioso.

— Ah! Vou mostrar-lhe se sou mesmo  
valentão! E pulou em Leôncio que era bem  
maior e mais forte. Tão possesso estava que,  
só largou dêle ao ver sangue escorrer-lhe  
pelo rosto.

Justamente então apareceu o diretor em  
seu passeio diário pelo recreio. Ao ver  
o estado em que se achava Leôncio e o ar  
triumfante de Naor, estacou aborrecido e de-  
pois disse:

— Você se lembra do que lhe prometi,  
Naor? Não toca mais.

— Êle me chamou de valentão, gritou Naor.

— Ah! Já sei, você tem sempre uma des-  
culpa ou outra, disse tristemente Snr. Moraes.  
Mas seja como for, o que eu disse está dito.

— Por caridade, snr. Moraes, desculpe-me,  
por esta vez, implorou Naor. Não brigo mais,  
palavra de honra.

— Chega de desculpas, respondeu o diretor.  
Acabo de crer que você é um covarde, isso  
sim. Só um covarde é que vai de cá para lá,  
brigando com quem encontra.

Chamá-lo de covarde, a êle que se consi-  
derava o melhor lutador da escola! Era por  
demais triste!

— Eu hei-de lhe mostrar, resmungava Naor  
entre lágrimas, enquanto caminhava para  
um canto do recreio onde pudesse chorar  
até se desfogar.

Os dias que se seguiram foram extrema-  
mente difíceis para Naor. Constantemente  
vinha-lhe a lembrança da festa que iria rea-  
lizar sem o seu concurso. Embora a notícia  
da sua valentia e castigo se espalhasse pela  
escola tôda, nada contou em casa.



No dia da festa Naor vestiu sua melhor roupa e, acompanhado dos pais, dirigiu-se ao grupo: estavam ansiosos de ver o filho no palco. Por dias vinham falando aos amigos e vizinhos sobre a parte importante que seu filhinho Naor ia tomar. Como explicar sua ausência do choro, era coisa que pouco o preocupava, pois Naor nunca pensava no que ia acontecer um minuto depois do presente.

Enquanto o pai e a mãe de Naor entravam orgulhosos e satisfeitos no salão nobre, Naor entrou por uma portinha debaixo da escada, que dava para o palco. Dalí veria bem os que iam tocar, pois embora não fôsse tomar parte, reconhecia seu dever estar perto.

Antes, muito antes, de erguer o pano, já o salão estava cheio de papais e mamães, irmãos e irmãs, curiosos todos e com grande interesse.

Afinal o programa começou: bailados, cantos e recitativos, cada número recebendo grande salva de palmas.

De seu esconderijo, espiando pelo vão da porta, Naor viu que o grupinho se preparava para o primeiro número do choro. Agora via-os marchar para o palco e levar a gaita à boca. Lá devia ele estar, risonho (pois tinha nisso prazer imenso) à frente dos meninos, mas ao invés ali estava atrás da porta, encolhido e fora de seu lugar. Oh! era realmente duro de suportar. Naor apurou os ouvidos para as primeiras notas do tão conhecido "O Sole Mio" e temia não suportar ouvir tocar.

Mas a música não saía. Ao invés percebeu que a porta sacudia levemente e sentiu-se balançar. Compreendeu imediatamente. Um tremor de terra!

Lá no salão nobre mulheres gritavam, crianças choravam, homens se levantavam, todos assustados.

— Sentem-se, sentem-se todos, berrava o diretor, pois já não havia nenhum perigo, mas o povo, naquele pânico, nem lhe ouvia as palavras.

"Os meninos deviam tocar" pensou Naor, "para acalmar o auditório uma vez que já estão no palco".

Mas é que eles também estavam tomados de medo e além disso, como tocar sem a direção? Naor bem conhecia a capacidade deles.

E, sem saber como, resoluto, subiu degraus para o palco.

— Vamos! Toquem meninos! Começou ordenou ele, principiando em seguida, toda a força as primeiras notas da marcha "Cidade Maravilhosa". Pouco a pouco a influência de Naor, os meninos toram acalmando. Terminada a marcha, recomeçaram-na e gradualmente o povo sossegando que na verdade o perigo era passado.

Esse tremor de terra foi o primeiro que a professora e muitas outras pessoas presenciaram.

Naor nunca antes tocara tão bem. Foram aplaudidos a mais não poder. Naor se apressou mas com o coração transbordando de felicidade.

Ao descer a escada, encontrou com o diretor.

— Naor, estou orgulhoso de você! Sua habilidade e sangue frio nos livraram de um fiasco esta noite! Você foi um verdadeiro herói!

Naor desculpou-se num acanhamento agradável. Como os grandes são exqu岸itos. Primeiramente, um covarde, depois um herói. Todavia, sentiu-se bem, recebendo parabéns de todos os lados. Nos dias seguintes Naor pensou, meditou, refletiu e pesou sua vida mais do que nunca. Ficou ajuizado.

Depois disso Nico e Quinzinho ouviram falar tanto bem a respeito de Naor que, encontrando-o justamente uma semana depois, acharam por bem humilhá-lo um pouco.

"Naor, Naorzinho pensa, ter graça, fazendo barulho bem lá na praça".

Gritaram o versinho picante e dispararam, virando-se às vezes para ver o que Naor faria. Os olhos de Naor fuzilaram, mas sorriu desprezivelmente.

— Bobinhos, não tenho tempo para desperdiçar com vocês. Tenho muito em que pensar.

E com passos firmes desceu a rua, vendendo alegremente seus jornais.







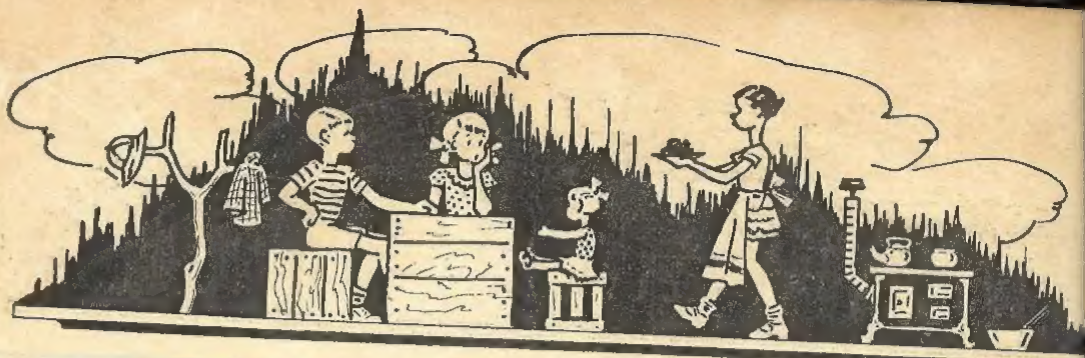
## quem é que sabe ?

- 1) Completar : *O coração do justo medita o que há de responder, mas a bôca dos ímpios...*
- 2) Quem inventou o pára-raios ? Qual a profissão de seu pai ?
- 3) Que barqueiro chegou a ser papa ?
- 4) Que fazia o pai do celeberrimo astrônomo Copérnico ?
- 5) Qual o sábio francês que começou por ser vidraceiro ?
- 6) Um trabalho por ser humilde deshonra a pessoa ?
- 7) Que exclamação proferiu Frederico o Grande, rei da Prússia, ao ver-se sentenciado ?
- 8) Tales foi o primeiro a desenhar que espécie de mapa ?
- 9) Citar um animal que tem rabo apenas quando novo.
- 10) Que nome se dá aos animais como o sapo, que nem são peixes nem reptís ?
- 11) Que é que mora nágua e se parte de sêde ?
- 12) Quais são os nossos amigos mudos que ensinam, aconselham e repreendem ?
- 13) Quais os assinantes do Bem-te-vi que já renovaram sua assinatura ?
- 14) Qual o alimento que passa a ser parte de nosso corpo, se lhe trocarmos uma letra ?
- 15) Qual o rei que comeu ervas como os bois e em cujo corpo cresceu pêlo como penas da águia e unhas como as das aves ?

*Respostas às perguntas de Janeiro :*

- 1) fortalecerá o teu coração ; espera, pois no Senhor.
- 2) Castro Alves.
- 3) No lago Lauricochi, no Perú.
- 4) Sapatos.
- 5) Em Monte Santo, no sul da Grécia.
- 6) É uma espécie de galinha existente no Japão, na ilha Shikoku, e cuja cauda, mede 3 metros e meio.
- 7) Demóstenes.
- 8) Moisés, o legislador dos judeus.
- 9) Pegada — (adj,) participio pass. do verbo pegar ; pègada — (subst.) sinal, rasto.
- 10) Guano — adubo de terras feito de excremento de aves aquáticas e que se encontra no Perú.
- 11) Minuano — vento frio e sêco que sopra no R. G. do Sul depois das chuvas no inverno.
- 12) Parônimas.
- 13) O planalto de Pamir, no Turquestão.
- 14) Oito quilos.
- 15) O mais forte, Sansão ; o mais sábio, Salomão.





# A Cozinheirinha

A mãe de Lúcia, coitada,  
de trabalhar, dia a dia,  
sentiu-se fraca, exgotada,  
e, de noite, em febre ardia.

Mas de manhã, bem cedinho,  
do sol ao lindo clarão,  
para o café do paizinho  
estava aceso o fogão.

E enquanto a mãe descansava,  
foi Lúcia para a cozinha,  
e com zelo preparava  
um pirão de batatinha.

Trabalhando com cuidado,  
cingida de um avental,  
limpa o feijão reservado  
para o almoço do casal.

Levantando-se a mãezinha,  
e o paizinho regressando,  
vão achá-la na cozinha,  
a refeição terminando.

Louvam da filhinha a argúcia,  
comendo a não poder mais,  
e o bom trabalho de Lúcia  
fez a alegria dos pais.

